

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Ciência Política**

**Carlos Schaun**

**Confiança social e interesse pela política institucional: o caso dos  
bancários sindicalistas de Porto Alegre e região**

**Porto Alegre, 23 de dezembro de 2009**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Ciência Política**

**Carlos Schaun**

**Confiança social e interesse pela política institucional: o caso dos  
bancários sindicalistas de Porto Alegre e região**

**Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
em Ciências Sociais,  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Orientador: Prof. Dr. Marcello Baquero**

**Porto Alegre, dezembro de 2009**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Ciência Política**

**Carlos Schaun**

**Confiança social e interesse pela política institucional: o caso dos  
bancários sindicalistas de Porto Alegre e região**

**Banca Examinadora**

---

**Professor Drº César Marcello Baquero Jacome  
Orientador**

---

**Professor Drº Eduardo Corsetti**

---

**Professor Drº Rodrigo Stumpf González**

**Porto Alegre, 23 de dezembro de 2009**

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço aos meus pais pelo apoio que me deram em várias situações difíceis que ocorreram em vários momentos de minha vida.**

**Agradeço aos meus amigos e às minhas amigas pelo companheirismo, divertimento e, sobretudo, pela amizade sincera que me ofereceram, seja na UFRGS, no meu local de trabalho, ou pelo mundo afora.**

**Agradeço à Mariana, minha namorada, pelo carinho, compreensão e companheirismo.**

**Agradeço ao professor Marcello Baquero, meu orientador, por dizer, na disciplina de Política Comparada, que a Ciência Política pode ser utilizada para a resolução de problemas (sociais), o que destoou (positivamente) de tudo o que havia sido dito até então no curso, e que foi um incentivo para eu seguir com o sonho de ajudar a construir uma sociedade mais justa para todas as pessoas.**

**Agradeço aos bancários do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região pelo generoso apoio para a realização desta pesquisa.**

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo investigar se existe relação entre confiança social e interesse por política, restritamente a um grupo, formado pelas pessoas que compõem o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região. O quadro de referência teórica é construído com base na Teoria do Capital Social, desenvolvida pelos autores Robert Putnam e Marcello Baquero. Utilizamos dados de pesquisa própria, realizada por meio de método quantitativo, com a aplicação de questionários à população em estudo. Os resultados mostraram altos índices de interesse pela política por parte dos bancários, mas não indicaram ser a confiança social a causadora desse fenômeno.

Palavras-chave: confiança social; interesse por política; bancários.

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Análise Fatorial: Confiança Social.....	34
Quadro 2 - Análise Fatorial: Interesse pela Política Institucional.....	35
Quadro 3 – Indicadores de Confiança Social.....	36
Quadro 4 - Indicadores de Interesse pela Política Institucional do País.....	37
Quadro 5 - Operacionalização das variáveis.....	38

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Nível de desconfiança dos latino-americanos.....	23
Tabela 2 - A colaboração entre as pessoas pode contribuir para melhorar a situação do país?.....	26
Tabela 3 - Nos últimos anos, o/a sr/a tentou resolver algum problema local do bairro / comunidade junto com outras pessoas?.....	26
Tabela 4 - Atualmente o/a sr/a participa de algum grupo ou organização?.....	27
Tabela 5 - Qual é o maior benefício de se fazer parte do grupo?.....	28
Tabela 6 - Se precisasse viajar por um ou dois dias, o/a sr/a poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos?.....	28
Tabela 7 - Em termos gerais o/a sr/a diria que.....	29
Tabela 8 – Se precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos?.....	40
Tabela 9 - Você costuma participar de associações comunitárias?.....	41
Tabela 10 - Em relação ao seu bairro/comunidade, as pessoas em geral não confiam nas outras para emprestar dinheiro.....	42
Tabela 11 – Em relação ao seu bairro/comunidade é preciso estar atento, ou alguém pode tirar vantagem de você.....	43
Tabela 12 - E se no Brasil o voto não fosse obrigatório para maiores de 18 anos, você.....	44
Tabela 13 - Você se identifica com algum partido político?.....	45
Tabela 14 - Falando em política, você se interessa por política?.....	45
Tabela 15 - Participação em associações comunitárias x Interesse em votar em eleições.....	47
Tabela 16 - Confiança nos vizinhos p/ cuidar da casa e/ou filhos x Identificação partidária.....	47
Tabela 17 - Expectativa de ser prejudicado por alguém do bairro/comunidade x Interesse pela política do país.....	48
Tabela 18 - Confiança nas pessoas do bairro para emprestar dinheiro x Motivação para participar de atividade política.....	48
Tabela 19 - Cruzamento entre a participação dos pais e a participação dos filhos sindicalistas em partidos políticos.....	50

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	8
1.1 – Estrutura do Trabalho.....	9
2 – TEMA.....	10
3 – OBJETIVOS.....	13
3.1 – Objetivo Geral.....	13
3.2 – Objetivos específicos.....	13
4 – HIPÓTESES.....	13
4.1 – Hipótese geral.....	13
4.2 – Hipóteses específicas.....	14
5 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
6 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	30
6.1 – O Porquê da escolha do Sindicato.....	30
6.2 – Método utilizado.....	31
6.3 – Operacionalização das Variáveis.....	36
6.4 – Estudo Exploratório.....	39
7 – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	40
7.1 – A Confiança Social dos Bancários.....	40
7.2 – O interesse pela Política Institucional dos Bancários.....	44
7.3 – Cruzamento entre variáveis.....	46
7.4 – Influência dos pais.....	49
8 – CONCLUSÃO.....	51
9 – REFERÊNCIAS.....	53
10 – QUESTIONÁRIO.....	55

## 1. INTRODUÇÃO

Uma população imbuída de valores cívicos está mais apta a viver sob um regime democrático do que uma população sem esses valores. É isso que diz a Teoria do Capital Social de Putnam. Estudando o caso da Itália moderna, e sua história de mil anos, Putnam constatou que o civismo dos habitantes do norte foi fator decisivo para que aquela sociedade se apegasse à democracia que surgiu no século XX, assim como foi importante para o desenvolvimento das repúblicas comunais do norte entre os séculos XII e XV.

Enquanto no norte as relações sociais e políticas eram e são até hoje horizontais e de cooperação, no sul elas eram e são verticais e de dependência. Se no norte a sociedade tem se caracterizado pela interação de grande parte dos cidadãos com os negócios públicos, no sul os laços sociais mais importantes são a família e a Igreja. Assim, onde os cidadãos não estão imbuídos de um espírito cívico, as relações sociais de solidariedade e cooperação tendem a não se desenvolverem fora do âmbito familiar ou privado, nem em relação à comunidade local, nem em relação ao país.

Tendo em vista a relação entre associativismo local e interesse pela democracia, explicitada por Putnam (2007), é que este trabalho analisa o caso dos bancários sindicalistas de Porto Alegre e Região. Putnam deixa claro que as comunidades do norte da Itália são dotadas de mais civismo do que as do sul, pois no norte há mais sociedades de mútua assistência, mais membros de cooperativas, mais interesse por partidos políticos de massa, maior comparecimento às eleições (na Itália o voto não é obrigatório), maior participação em associações locais, maior filiação a sindicatos, mais interesse por informação do que no sul, entre outros indicadores construídos pelo autor.

Este trabalho não busca investigar duas regiões, uma cívica e outra não cívica, como fez Putnam em *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna*. Este trabalho estuda o que distingue o comportamento de um grupo de sindicalistas, de um sindicato localizado numa região não cívica – Região Metropolitana de Porto Alegre -, dos demais habitantes da região onde se encontram. O trabalho propõe, e buscou confirmar, se o grupo de sindicalistas aqui abordado tem grande interesse pela política institucional do



país. Este interesse teria como causa a confiança social dessas pessoas, o que as distinguiria do conjunto maior da população.

Evidentemente, estamos comparando, estabelecendo uma igualdade de condições, entre a região de Porto Alegre, onde se localiza o sindicato, e o sul da Itália, em termos de grau de civismo. Mesmo que quase ninguém duvide e que haja vários estudos que comprovem que na América Latina existe baixa confiança interpessoal e baixo interesse pelas instituições democráticas (uma região não cívica na definição de Putnam), vamos estabelecer essa igualdade baseados na obra *Democracia e Desigualdades na América Latina: novas perspectivas* (2007), onde Baquero analisa resultados de pesquisa de política comparada entre as cidades de Montevideu (Uruguai), Santiago (Chile) e Porto Alegre (Brasil), que mostrou baixo índice de confiança nas instituições políticas do país, bem como baixa confiança nos vizinhos ou na comunidade, no município de Porto Alegre.

## **1.1. Estrutura do Trabalho**

No primeiro capítulo, apresentamos a introdução ao nosso trabalho de pesquisa e a sua estrutura.

No segundo capítulo, apresentamos o tema de nosso trabalho, ou seja, comentaremos sobre o sindicato que estamos investigando e sobre a teoria que vamos associar a ele.

No terceiro capítulo, apresentamos os objetivos do trabalho, as metas a que nos propomos.

No quarto capítulo, descrevemos nossas hipóteses de pesquisa, respostas prováveis e provisórias ao problema de pesquisa.

No quinto capítulo, o nosso referencial teórico, apresentando mais detalhadamente a Teoria do Capital Social.

No sexto capítulo, o procedimento metodológico, discutindo o porquê da escolha do Sindicato dos Bancários e a operacionalização das variáveis e dos indicadores.

No sétimo capítulo, a análise dos resultados, onde apresentamos as tabelas de frequência e os cruzamentos, indispensáveis para a aceitação ou para a rejeição das hipóteses de pesquisa.

No oitavo capítulo, as nossas conclusões, onde retomaremos nossas hipóteses de pesquisa, com o objetivo de avaliar as relações entre as variáveis da pesquisa.

Por fim, no nono capítulo, as nossas referências.

## **2. TEMA**

O presente trabalho se propôs a analisar a confiança social e o interesse pela política institucional do país, relativamente ao grupo composto pelos bancários sindicalistas de Porto Alegre e Região.

O Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região completou 76 anos de história em 2009. A entidade foi fundada em 18 de janeiro de 1933, em uma Assembléia Geral, que contou com 185 bancários. Na época, chamava-se Sindicato dos Bancários do Rio Grande do Sul. A base era estadual. Com o surgimento de novos sindicatos nas demais regiões do Rio Grande do Sul, a entidade assumiu o nome atual: Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região.

Nesses 76 anos, o Sindicato teve uma trajetória de presença marcante na construção do sindicalismo bancário brasileiro. No Estado do Rio Grande do Sul, teve papel crucial na luta por mais dignidade dos trabalhadores e da construção da democracia em diversos períodos históricos. Em sua história, o Sindicato comandou várias greves da categoria e campanhas que redundaram em conquistas para os bancários. Muitas custaram caro, como quatro intervenções do Ministério do Trabalho e cassação de seus dirigentes.

O sindicato é composto de pessoas, de uma forma geral, dedicadas às lutas sociais, que são filiadas a partidos políticos e que, portanto, têm interesse pela política institucional brasileira.

As novas instituições regionais implantadas na Itália, no começo da década de 1970, obtiveram sucesso no norte do país e insucesso no sul. O sucesso nortista se deveu, sempre de acordo com Putnam (2007), porque as pessoas dessa região têm alto capital social, cujo principal componente é a confiança social. Assim, alta confiança social leva ao interesse pela política institucional, pelas instituições democráticas. O sul da Itália, por sua vez, tem baixo capital social (ao longo dos séculos), o que não quer dizer que não haja capital social. Há, mas pouco, e insuficiente.

Putnam compara o sul da Itália com os países da América Latina e com os países ex-comunistas. Portanto, Porto Alegre está, como dissemos na introdução do trabalho, relacionada com o sul da Itália: tem baixo capital social. E a pesquisa analisada por Baquero (2007) mostra dados que apontam para esse baixo capital social da região. Portanto, na visão de Putnam, Porto Alegre faz parte de uma região não cívica.

As pessoas de uma região não cívica, de uma forma geral, têm baixa confiança social. E baixo interesse pela política institucional. Não procuram se associar com outras pessoas tendo por objetivo alguma melhoria, para si, para a sua comunidade, para a categoria a que pertencem. As pessoas que vivem nos países latino-americanos, do ponto de vista da Teoria do Capital Social, não procuram o bem comum, privilegiando as relações no âmbito familiar (claro, me refiro à família a que pertencem). Têm desconfiança em relação aos vizinhos, às outras famílias. Nesse ambiente, laços de cooperação não se desenvolvem eficientemente. É cada um por si, ou cada família por si. As pessoas desses países não têm relação com o Estado, praticamente o desconhecem e não querem conhecê-lo (não têm interesse pela política institucional). Suas relações políticas se dão de forma clientelista, quer dizer, quando precisam de alguma coisa (para si ou para sua família, não para a comunidade) buscam um determinado político, que, por sua vez, vai lhes fazer um “favor”, vai lhes prestar um auxílio, como conseguir um emprego público, um desconto em determinada taxa ou imposto, etc. Dá-se uma relação de compra e venda com o político personalista, clientelista.

Entretanto, não se trata de uma realidade imutável. Os países subdesenvolvidos podem chegar a ser desenvolvidos. Os países cuja população tem baixo capital social podem um dia ter uma população com alto capital social, e os países cuja população tem alto capital social podem um dia ter uma população com baixo capital social. Talvez se pudermos conhecer mais sobre um sindicato bem sucedido dentro de um contexto de uma região considerada não cívica, esse conhecimento possa ser utilizado como uma contribuição (por certo muito modesta) para algum tipo de desenvolvimento social da região.

De uma forma geral, em países com população com baixo capital social as associações (de bairro, para a colheita, os sindicatos, etc) ou não existem ou, se existem, não funcionam corretamente. O Sindicato dos Bancários de Porto Alegre funciona corretamente, por algum motivo. A observação nos mostra que seus componentes têm alto interesse pela política institucional brasileira. De acordo com a Teoria do Capital Social de Putnam, devemos pressupor que os bancários sindicalistas de Porto Alegre têm alto índice de confiança social (pois é esta que leva, teoricamente, ao interesse pela política institucional), o que foi investigado por nós nesta pesquisa. Fomos verificar se o nível de confiança social dos bancários é alto ou baixo.

Quisemos saber se essas pessoas procuram (ou se procuraram, durante suas vidas) se associar a outras no seu dia-a-dia, se elas buscam ou já buscaram cooperar para os interesses da comunidade, e comparar essa informação com o seu interesse pela política, com relação às instituições democráticas do país. O problema central do trabalho então é compreender em que medida a confiança social dos sindicalistas bancários de Porto Alegre influencia o seu interesse pela política institucional brasileira.

A seguir, os objetivos que propomos para esta pesquisa.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo Geral**

Saber se a confiança social dos membros do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região influencia positivamente o interesse pela política institucional do país.

#### **3.2. Objetivos Específicos**

Verificar o grau de confiança social das pessoas que compõem o grupo em questão (bancários sindicalistas de Porto Alegre e Região).

Verificar o grau de interesse pela política institucional das pessoas que compõem o grupo em questão (bancários sindicalistas de Porto Alegre e Região).

Saber se o interesse dos pais por partidos políticos influenciou o interesse dos sindicalistas por partidos políticos.

### **4. HIPÓTESES**

#### **4.1 Hipótese Geral**

A confiança social dos bancários sindicalistas de Porto Alegre está diretamente relacionada ao seu interesse pela política institucional brasileira. A variável independente é a confiança social.

## 4.2 Hipóteses Específicas

Quanto maiores os laços que os bancários sindicalistas desenvolvem em sua comunidade, maior é o engajamento dos sindicalistas em partidos políticos.

Quanto maior era a participação dos pais dos sindicalistas em partidos políticos, maior é a participação desses sindicalistas em partidos políticos.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste projeto de pesquisa, utilizarei a Teoria do Capital Social, de Putnam e de Baquero, como base teórica.

Para Putnam, o capital social pode ser entendido como características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. O capital social é um bem público, não é propriedade particular de nenhuma das pessoas que dele se beneficiam. Os estoques de capital social, como confiança, normas e sistemas de participação, tendem a ser cumulativos e a reforçar-se mutuamente. Podemos definir confiança social como confiança e expectativa de reciprocidade entre indivíduos em relação à ajuda mútua e à cooperação, em assuntos de sua comunidade. Este autor considera que a confiança social é o elemento principal do capital social e, em *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna* (2007), relaciona essa confiança ao interesse pela política institucional italiana e ao bom funcionamento das instituições, considerando, nessa relação, a confiança social como a variável independente. O autor considera interesse por política institucional como elemento fundamental do que considera uma “comunidade cívica”. Esta tem como causa o capital social (inseparável da confiança social).

Ao considerar o capital social como "os aspectos das organizações sociais, tais como as redes, as normas e a confiança que permitem a ação e a

cooperação para o benefício mútuo”, Putnam defende uma perspectiva culturalista do capital social, considerando este como consequência de um processo cultural de longo prazo, ou seja, o autor acredita na evolução histórica do sistema político e na existência de pré-requisitos desenvolvimentistas que facilitam a implementação eficaz de políticas públicas. Putnam cita, em seus estudos, como exemplo, o Norte da Itália sendo a região mais desenvolvida daquela nação por razões de suas origens culturais herdadas da Idade Média. Acredita que o capital social vem de longe, da história.

Robert Putnam apresentou o conceito de capital social na importante obra chamada *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna*. Depois, o autor escreveu o artigo *Bowling alone: the collapse and revival of American community*. Neste, fez um estudo do capital social no seu país de origem, os EUA. O autor comprovou o declínio da participação (cerca de 25%) dos americanos nas organizações políticas, religiosas, sociais, profissionais, culturais e desportivas nos últimos trinta anos. O declínio deu-se nos grupos, associações (equipes de futebol, grupos e comunidades) e aumentou nas atividades de lazer individualizado (assistir à televisão). A participação eleitoral caiu substancialmente, sobretudo a partir dos escândalos iniciados no governo de Nixon. Mas também caiu o envolvimento em atividades locais, nas associações de pais e mestres, nos clubes, nos sindicatos, na Cruz Vermelha, nas igrejas. Curiosamente, só aumentou a prática do boliche, mesmo assim fora dos clubes. O boliche é o esporte mais popular entre os norte-americanos (80 milhões jogaram pelo menos uma vez em 1993), mas jogam cada vez mais sozinhos. Eis a razão do polêmico título do artigo de Putnam, *Bowling alone* ou *Jogando boliche sozinho*.

Putnam, em sua pesquisa na Itália, entrevistou os conselheiros regionais. Seu objetivo foi examinar as origens do governo eficaz, quais instituições tiveram bom desempenho e quais não tiveram, na tentativa de explicar as diferenças de desempenho institucional e a relação entre desempenho e natureza da vida cívica (comunidade da vida cívica). Putnam, apoiando-se na teoria de Tocqueville, argumenta que a comunidade cívica se caracteriza por cidadãos atuantes e imbuídos de espírito público, por relações políticas igualitárias e por uma estrutura social firmada na confiança e na colaboração.

Putnam descobriu que, em certas regiões da Itália, houve maior engajamento cívico, ao passo que, em outras, houve uma política verticalmente estruturada, uma vida social caracterizada pela fragmentação e pelo isolamento e uma cultura dominada pela desconfiança. Para ele, é preciso conhecer as diferenças básicas da vida cívica de uma comunidade para, posteriormente, perceber o êxito ou o fracasso das instituições. O teórico acredita que a relação entre o desempenho institucional e comunidade cívica leva, inexoravelmente, ao desenvolvimento da região. Mas, para chegar a um nível satisfatório de engajamento cívico e de solidariedade social, é necessário que se perceba a herança histórico-cultural da região. O capital social só foi possível ser construído graças à herança histórica que a Itália teve. Putnam considera um governo eficaz é aquele que não apenas considera as demandas de seus cidadãos, mas age com eficácia em relação às mesmas.

Para Putnam, uma das características da falta de virtude cívica é o familismo amoral, ou seja, "maximizar a vantagem material e imediata da família nuclear; supor que todos os outros agirão da mesma forma". A característica fundamental da comunidade cívica é o seu espírito público, em que os interesses individuais estão submetidos aos interesses coletivos. Por isso, diz Putnam, "na comunidade cívica, a cidadania implica direitos e deveres iguais para todos".

Putnam, depois de desenvolver pesquisas em vários países, chegou à conclusão de que as pessoas que se unem em associações têm maior consciência política, confiança social, participação política e "competência cívica subjetiva", pois, para ele, quanto maior a participação em associações locais, maior será a cultura cívica. Quanto maior a cultura cívica da região, mais eficaz será o seu governo. O desempenho de um governo regional está, de algum modo, estritamente relacionado com o caráter cívico da vida social e política da região. O civismo, conclui Putnam, tem a ver com igualdade e, também, com engajamento.

Putnam, a partir da experiência comprovada na Itália, chegou à conclusão de que existem regiões mais e menos cívicas, dependendo da maior ou menor cultura cívica. Configuram-se como regiões menos cívicas, geralmente, quando os cidadãos que a habitam pedem ajuda a políticos para obter licenças, empregos e assim por diante. Putnam cita o Sul da Itália como



exemplo de regiões menos cívicas, principalmente a Púglia e a Basilicata. Nessas regiões com menor grau de civismo, a política se caracteriza por relações verticais de autoridade e dependência, tal como corporificados no sistema clientelista. Da mesma forma, as relações políticas são mais autoritárias e a participação política se restringe à elite. O autor constatou, nas suas pesquisas, que quanto maior for o índice de instrução, menor será a participação cívica das pessoas. Há uma relação aproximada entre o grau de instrução e o nível de civismo da região. Regiões menos cívicas, diz Putnam, estão mais sujeitas à corrupção (no caso, as máfias). Nas regiões não-cívicas, impera a desconfiança entre as pessoas e a vida pública das pessoas se organiza hierarquicamente.

A confiança social é um conceito muito priorizado por Putnam em *Comunidade e Democracia*. Para ele, a confiança é um componente essencial para que exista capital social. E por outro lado, o que inibe a construção do capital social e do desenvolvimento de uma região é o seu lado oposto: a "desconfiança". Putnam enumera algumas frases e dizeres que comumente as pessoas mencionam quando desconfiam das coisas e das pessoas: "quem confia nos outros está perdido"; "não empreste dinheiro, não dê presente, não faça o bem, para não te arrependeres depois"; "todos só pensam no próprio bem e enganam o companheiro"; "se a casa do teu vizinho estiver em chamas, leva água para a tua". Certamente não haverá progresso e desenvolvimento se a desconfiança imperar entre as pessoas. Tudo está perdido quando o "eu se sobrepõe ao nós".

Para o autor, a deserção, a desconfiança, a omissão, a exploração, o isolamento, a desordem e a estagnação intensificam-se reciprocamente num miasma sufocante de círculos viciosos. E é diante de uma sociedade civil vigorosa, diz Putnam citando Tocqueville, que o governo democrático se fortalece em vez de enfraquecer. Na comunidade cívica, as associações proliferam, as afiliações se sobrepõem e a participação se alastra.

Assim, o conceito mais usado por esse autor, na definição de capital social, é a confiança. É nela que residem todas as relações que solidificam a comunidade, não existe empreendimento, cultura cívica nem capital social sem a confiança.

Para Baquero, a persistência da pobreza e da exclusão social na América Latina, inclusive no período democrático, tem ocasionado uma reorientação teórica nas Ciências Sociais, na busca de compreender como persistem esses fenômenos mesmo com a crescente e ampla participação da população nas instituições democráticas, sobretudo eleitoralmente. E uma nova abordagem teórica que surge, como a Teoria do Capital Social, busca não só compreender essas questões, mas busca também encontrar meios para resolvê-las. De acordo com o autor, essa teoria surge, entre outros fatores, como resultado da necessidade de encontrar canais de efetiva comunicação e mediação entre o Estado e a sociedade, para além das organizações formais, que não têm conseguido desempenhar esse papel. Esses canais seriam, em muitos casos, modalidades informais de organização e de mobilização política para a promoção de trabalho comunitário, uma forma de constituir capital social.

Segundo Baquero, Weber já se preocupava em como coesão e ordem social poderiam existir na sociedade moderna. Esse dilema persiste, pois se a comunidade cívica é imprescindível para o desenvolvimento social e coletivo, é essencial saber como sociedades contemporâneas podem resolver esse desafio. Desse modo, na Ciência Política tem se tentado compreender vários aspectos da coesão social, da interação social e da vitalidade da democracia. Segundo o autor, nas sociedades contemporâneas, o individualismo tem destruído as formas tradicionais da interação social, deixando o Estado como última instituição que pode proteger o cidadão.

Esse processo seria inevitável nas sociedades modernas, que se caracterizariam pela substituição de relações primárias por relações secundárias, com a diminuição das relações face a face. Baquero observa que, de acordo com autores como Dahl e Sartori, o controle desse processo só aconteceria com uma representação política efetiva, que realiza as aspirações coletivas através das instituições e, assim, esse pensamento tem consolidado a preponderância do método democrático e dos procedimentos relativos à dimensão mais subjetiva da política.

Entretanto, Baquero afirma que, em outra direção, pesquisas interdisciplinares têm revelado o impacto positivo do capital social (aqui definido como o desejo das pessoas de cooperar reciprocamente com base na

confiança interpessoal) na eficiência de instituições políticas e no desempenho das economias nas sociedades atuais, sem se abdicar dos meios convencionais da representação política. Para o autor, os valores cívicos influenciam o desenvolvimento socioeconômico de maneiras diferentes e, exemplificando, diz que altos índices de confiança ajudam a diminuir custos em transações na economia de mercado e também fazem diminuir os investimentos em instituições fiscalizadoras na sociedade. Vejamos um exemplo citado por Baquero:

“A evidência histórica e empírica respalda esta afirmação, como demonstra a experiência da criação e evolução do Banco Greeman de micro crédito em Bangladesh. Talvez esta iniciativa seja a afirmação mais contundente sobre como CS (capital social) contribui para o bem-estar da comunidade. Ao mesmo tempo, essa iniciativa mostrou que é possível pensar e agir pragmática e programaticamente de forma simultânea, alterando os padrões tradicionais da academia na Ciência Política, cujas orientações eram monopolizadas pelo conhecimento enquanto representação simbólica (Yunus, 2000). Yunus mostrou que é possível trabalhar com conhecimento estratégico e de incidência na solução de problemas sociais, indo além do mero diagnóstico e explicação de fenômenos que envolvem a pobreza e a exclusão social, sem abrir mão de uma reflexão estrutural e programática de longo prazo” (Baquero, 2007, p. 101).

Baquero (2007) também cita exemplos de projetos bem sucedidos baseados em uso de capital social na América Latina, referindo-se a experiências desenvolvidas no México e na Guatemala, através de cooperação e de participação para gerar serviços de benefício comum, financiamentos e administração de recursos comuns; no Peru, com a influência de capital social no desenvolvimento comunitário na Villa el Salvador; na Venezuela, com suas feiras de consumo popular; e no Brasil, com o orçamento participativo de Porto Alegre.

Para Baquero, as pesquisas realizadas na América indicam a importância Latina de se construir capital social para alcançar eficiência e justiça social, o que de acordo com o autor não existiria atualmente:

“De fato, se levado em conta o passado histórico desses países, constata-se que os valores enraizados pelos cidadãos, principalmente nas últimas décadas, propiciam a desconstituição das relações primárias sem que as relações secundárias se institucionalizem. Em seu lugar, se fortalecem as relações terciárias, as quais conduzem para uma relação direta entre governantes e os cidadãos, à margem das organizações formais de mediação política. Tal cenário incide na fragmentação das identidades coletivas de todo tipo agravada pelo desempenho medíocre dos gestores públicos, contribuindo, dessa forma para o crescimento da desconfiança institucional que, associada ao processo crescente de atomização e individualização, contribui para destruir os já precários estoques de CS” (Baquero, 2007, p. 102).

Por isso, o autor faz questão de ressaltar que, onde as experiências acima descritas aconteceram, ou seja, onde capital social foi construído, as comunidades continuam a evidenciar maiores possibilidades de resolução de problemas, via ação coletiva. Para Baquero, como qualquer conceito na Ciência Política, o capital social não se constitui numa resposta universal para todos os males, mas reafirma que no continente latino-americano a base de CS deve ser buscada através da construção de base normativa de apoio institucional e interpessoal.

De acordo com a teoria de Baquero, a constatação de que os baixos índices de confiança em suas várias dimensões – que geram grupos fechados que excluem outros e inibem o desenvolvimento de uma região – indica que a essa baixa confiança precisa ser substituída por esforços que visem à constituição de uma democracia com mais qualidade social, sem deixar de lado as organizações da democracia representativa. Nesse sentido, sublinha Baquero:

De fato, parece não haver discordância quanto à necessidade de ter boas e eficientes instituições e uma sociedade civil vigorosa. Também não parece haver maiores polêmicas a respeito de que o capital social pode gerar governos mais democráticos e eficientes, ou que instituições democráticas eficientes e legítimas viabilizem a confiança interpessoal. Nos países latino-americanos é imperativo trabalhar com as duas dimensões, pois não temos nem instituições eficientes, nem uma base normativa de valorização da confiança institucional e interpessoal, nem tampouco organizações informais que funcionem como substitutos eficientes de mediação política” (Baquero, 2007, p. 103).

Do ponto de vista do autor, os resultados das pesquisas realizadas em várias cidades demonstram que nem a participação convencional formal, nem a informal têm sido mediadoras eficientes entre o Estado e a sociedade e, devido a isso é que seria necessário buscar formas que combinem aspectos formais com informais com o objetivo de alcançar estabilidade política com avanços sociais, ou seja, uma democracia com orientação social.

Para que uma democracia socialmente orientada possa se constituir, segundo Baquero, é necessário haver boas instituições, que seriam construídas a partir do capital social, pois, do contrário, baixos índices de confiança institucional produziriam judiciários ineficientes, fariam aumentar a corrupção e gerariam burocracias ineficientes e, dessa forma, a capacidade de governar ficaria comprometida.

De acordo com a Teoria de CS, também as percepções das pessoas em relação às práticas ilícitas são influenciadas por práticas do passado, que são as experiências pessoais, as experiências de outros dentro do ambiente pessoal, o papel da mídia, o grau de escolaridade, entre outros. E essas percepções influenciam na atualidade as ações das pessoas que, por sua vez, vão influenciar as realidades do presente e do futuro. Se práticas deletérias prevalecem no tempo, tendem a institucionalizarem-se ou a naturalizarem-se, o que limita a possibilidade de construção de capital social. Ao contrário, onde se observa a existência de capital social, observa-se também crescimento econômico e desenvolvimento financeiro.

Para Baquero, quando os partidos políticos – que fazem a intermediação entre o Estado e a Sociedade – são ineficientes, institucionalizam-se normas e valores que questionam as instituições convencionais, o que vai gerar uma cultura política de desconfiança e, numa sociedade onde predomina a cultura da desconfiança, os laços sociais tendem a se desgastarem, tanto os interpessoais quanto os institucionais. Seria esta uma situação característica de um sistema que não possui capital social.

De acordo com esse raciocínio, segundo o autor, o capital social não nasce de legislações, mas sim das interações cotidianas. O CS facilita e estimula a cooperação, constituindo-se num recurso da coletividade que influencia de forma positiva o desenvolvimento. No trecho a seguir, Baquero comenta sobre a visão de alguns teóricos:

“... alguns autores consideram que a democracia depende de suas fundações históricas, culturais e sociais (Aberg e Sandberg, 2004; Huntington, 2000). Blassio e Nuzzo (2006), em pesquisa que busca dar evidência empírica à tese de Putnam sobre a influência de valores culturais na construção da democracia, encontraram uma correlação positiva entre indicadores de capital social (produtividade dos trabalhadores; inovação empresarial e participação feminina no mercado de trabalho) e desenvolvimento econômico como resultado da história das regiões italianas. Cremos que na América Latina, é imperativo, em primeiro lugar contextualizar e compreender as condições históricas e culturais que incidem na estruturação da sociedade e se é possível, nessas circunstâncias, construir estoques de CS” (Baquero, 2007, p. 105).

O autor considera que, na América Latina, há grande evidência empírica que mostra a crescente tendência de desconfiança das pessoas em relação à política. E o Estado ajuda na construção de uma cultura política com baixo capital social à medida que adota políticas públicas ineficientes e permite práticas políticas viciadas, com grande ocorrência de corrupção. De acordo com essa visão, na América Latina, uma herança autoritária teria produzido um ciclo vicioso de desconfiança, fortificando padrões comportamentais que possuem um capital social primitivo, que se encontra localizado na família e no mundo privado (e não em redes que promovem o bem coletivo). E a conservação dessa conjuntura em que prevalece o interesse individual da família (e onde não existe a busca da ação coletiva) dificulta a existência de confiança não apenas na dimensão interpessoal, mas principalmente em relação às instituições políticas que reiteradamente manifestam adesão a princípios que desrespeitam o interesse comum.

Através da análise dos dados de pesquisa realizada em 2006, “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida: estudo comparado entre cidades do Brasil, Uruguai e Chile”, Baquero demonstra que é muito elevado o número de pessoas que não percebem as instituições políticas ou comunitárias como meios de representação de suas demandas ou reivindicações. Vejamos esses dados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Nível de desconfiança dos latino-americanos (%)

	Porto Alegre		Montevideú		Santiago do Chile	
	CP	NC	CP	NC	CP	NC
Congresso Nacional	51	40	49	22	54	40
Governo Federal	58	31	36	17	16	55
Assembléia Legislativa	55	36	-	-	-	-
Governo Estadual	55	33	-	-	-	-
Câmara Municipal	52	35	43	20	-	-
Governo Municipal	55	31	38	17	-	-
Judiciário	47	26	45	28	-	-
Partidos Políticos	47	26	45	28	35	62
Polícia	52	34	44	41	57	24
Igreja	41	18	26	44	31	18
Família	11	2	7	3	8	2
Vizinhos	55	15	35	11	48	22
Associações comunitárias	49	19	37	11	50	32
Sindicatos	46	28	37	31	37	46
Meios de comunicação	53	21	47	23	-	-
n	500		500		500	

CP=confia pouco; NC=não confia – Fonte: Baquero (2007).

A tabela nos mostra que, na América Latina, há um número elevado de pessoas que não percebem as instituições públicas ou comunitárias como meios de representação de demandas ou de reivindicações. Em relação às instituições políticas, a porcentagem dos que confiam pouco ou não confiam sempre está acima dos 70% (tanto em Porto Alegre como em Montevideú e Santiago do Chile). Baquero entende que, diante desses índices, torna-se tarefa difícil a construção de capital social, e que isso chama a atenção para a necessidade de realizar trabalhos de base visando a promover a motivação dos

cidadãos para a participação. Observa-se também que, na dimensão de confiança social ou comunitária, a desconfiança também tem índices relativamente elevados.

Para o autor, as experiências empíricas das pessoas com organizações formais e informais, na maior parte das vezes negativas, tendem a não estimular a ação coletiva, reduzindo a possibilidade de construção de capital social nas cidades latino-americanas. E os dados referentes ao elevado grau de desconfiança em relação à igreja, às associações comunitárias e aos vizinhos, indicam que, dentro do que se pode chamar de estrutura de oportunidades políticas, os custos da ação coletiva são empecilhos para a constituição de ações recíprocas.

É possível afirmar que baixos índices de confiança, além de dificultarem a colaboração em nível local, também colaboram para o baixo interesse pelas instituições dos países. Nesse sentido, a análise de Baquero:

“... foi constatado que o nível de confiança em atividades convencionais via instituições formais de mediação política tem declinado substancialmente. Partidos políticos têm perdido a capacidade de construir identidades coletivas baseadas em propostas ideológicas. Os cidadãos no contexto atual agem pragmaticamente ao invés de ideologicamente. Tais elementos sugerem que as ameaças à estabilidade democrática podem ser a indiferença das pessoas em relação à política e suas instituições, deixando o monopólio da representação política em organizações que tem se mostrado incapazes de realizar tal tarefa. Uma das constatações mais freqüentes de pesquisas sobre CS diz respeito ao efeito que instituições que funcionam de forma efetiva têm na predisposição dos cidadãos para colaborar com a sociedade (Letki, 2003), sinalizando para o significado que a promoção de capital social poderia ter na solução dos dilemas das sociedades materialmente não resolvidas” (Baquero, 2007, p. 108).

Iniciativas de constituição de capital social, segundo o autor, têm feito com que cientistas políticos de linha pós-toquevilleana argumentem, com base nas evidências empíricas acumuladas, que normas e redes de engajamento influenciam a qualidade da vida pública e o desempenho das instituições sociais. E que também pesquisas em áreas como as de educação, de saúde, de economia e de sociologia têm chegado a resultados positivos, nas respectivas áreas, nos estudos de comunidades civicamente engajadas. Sendo



assim, o autor afirma que o conceito de capital social tornou-se ponto central nas pesquisas contemporâneas sobre o desenvolvimento das nações.

As perspectivas teóricas se posicionam positivamente em relação ao conceito de capital social com base nos resultados positivos que CS tem nos agregados sociais. De acordo com Baquero, os estudos sobre CS têm concluído que este é sempre desejável, à medida que sua ocorrência está equacionada com resultados positivos. E em relação a estudos que mostram que é possível alcançar resultados positivos para o desenvolvimento social sem o uso de capital social, Baquero afirma que tal ocorrência se dá somente em sociedades materialmente resolvidas, mas não em relação a países com problemas estruturais que causam pobreza e exclusão social, nos quais as pessoas não costumam se envolver com questões políticas.

Baquero afirma que compreender de que forma acontece a constituição de redes de reciprocidade e cooperação é fundamental para a construção de instituições que facilitem o envolvimento da comunidade na resolução de seus problemas econômicos. Assim, afirma o autor:

“... o conceito de CS surge como o gancho que faltava para gerar desenvolvimento sustentável com equidade social. Mas para que a capacidade associativa entre as pessoas se materialize é imperativo que exista uma predisposição atitudinal e um comportamento concreto de querer participar. Não basta concordar de que é importante trabalhar coletivamente, mas se exige que as pessoas de fato mostrem predisposições de se envolver nessas atividades” (Baquero, 2007, p. 113).

As tabelas a seguir mostram os níveis de participação em associações e de colaboração, bem como os níveis de confiança entre as pessoas entrevistadas em Porto Alegre, Montevideu e Santiago do Chile (pesquisa realizada em 2006).

Tabela 2 – A colaboração entre as pessoas pode contribuir para melhorar a situação do país? (%)

	Porto Alegre	Montevideú	Santiago do Chile
Sim	77,6	80,8	79
Às vezes	19	15,8	17,9
Não	3,1	2,8	3
n	500	500	500

Fonte: Baquero (2007).

A tabela 2, que se refere à dimensão atitudinal da colaboração coletiva, mostra que em torno de 80% das pessoas, nas três cidades, disseram ser importante as pessoas colaborarem para que se possa realizar mudanças sociais importantes no país. Para a teoria da cultura política, esses dados sinalizam que há um estoque latente de predisposições das pessoas em relação à importância que o trabalho comunitário pode ter em termos tangíveis. As pessoas majoritariamente reconhecem que participação insuficiente implica dificuldades para a resolução dos problemas do país, mas o fato de elas acreditarem que trabalhando coletivamente poderão resolver esses problemas não quer dizer que elas se engajem em atividades de modo coletivo. Assim, podem demonstrar uma atitude colaborativa e predisposições a participar, mas se instados a efetivamente se envolver podem mostrar um comportamento passivo e de não envolvimento. É o que se chama de diferencial semântico (Baquero, 2007). E como se pode constatar nas tabelas 3 e 4, as pessoas, nas três cidades analisadas, não costumam se envolver, em sua maioria, em atividades de natureza comunitária e informal.

Tabela 3 – Nos últimos anos, o/a sr/a tentou resolver algum problema local do bairro/comunidade junto com outras pessoas? (%)

	Porto Alegre	Montevideú	Santiago do Chile
Sim	28,7	34,8	22
Não	70,7	65	78
n	500	500	500

Fonte: Baquero (2007).

Tabela 4 – Atualmente o/a sr/a participa de algum grupo ou organização? (%)

	Porto Alegre	Montevideú	Santiago do Chile
Sim	15,7	20,6	30,1
Não	84,3	79,4	69,9
n	500	500	500

Fonte: Baquero (2007).

Mesmo que haja predisposições para participar e colaborar de modo coletivo, na análise do comportamento dos cidadãos (tabela 3), vemos que somente em torno de um terço das pessoas já participaram a fim de resolver problemas em sua comunidade, percentual que está longe de significar que existe um processo de institucionalização de maneiras alternativas de envolvimento com a política.

Além da baixa participação em iniciativas coletivas, os entrevistados mostraram predisposição reduzida à participação em associações informais. Os dados (tabela 4) revelam que a maior parte dos cidadãos não participa de associações dessa natureza: aproximadamente 80% dos cidadãos, tanto em Porto Alegre como em Montevideú, responderam que não participam de grupos ou organizações à margem das instituições formais de mediação política, enquanto em Santiago do Chile esse percentual ficou em 69,9% (Baquero, 2007)

A tabela 5 mostra que a maioria das pessoas que participam de grupos ou organizações informais o faz porque tem consciência de que o principal impacto dessa participação é o benefício para a comunidade.

Tabela 5 – Qual é o maior benefício de se fazer parte do grupo? (%)

	Porto Alegre	Montevideú	Santiago do Chile
Melhorar renda atual	0,8	1,6	5,3
É importante	0,2	1,2	1,3
Beneficia a comunidade	7,5	19,5	16,4
Prazer, diversão	2,4	6,3	31,6
Espiritual	3,7	6,3	39,5
Outro	1	5,5	5,9
NS	84,4	59,8	-
n	500	500	500

Fonte: Baquero (2007).

Tendo em vista que, segundo Baquero (2007), uma das formas para constituir capital social diz respeito a como as pessoas constroem laços sociais dentro da comunidade, a tabela 6, a seguir, mostra a avaliação dos entrevistados sobre se poderiam ou não confiar em seus vizinhos.

Tabela 6 – Se precisasse viajar por um ou dois dias, o/a sr/a poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos? (%)

	Porto Alegre	Montevideú	Santiago do Chile
Sim	39	47,6	56
Provavelmente	22,2	10,4	12,7
Não	37,8	41	31,3
n	500	500	500

Fonte: Baquero (2007).

Os dados mostram que nas três cidades que há predisposições dos vizinhos colaborarem entre si (quando se somam as categorias “sim” e “provavelmente”). E também é significativo que um terço dos entrevistados nas três cidades respondeu não poder contar com a ajuda dos vizinhos.

Baquero observa que foi quase consenso entre os entrevistados a consideração de que, no passado, o grau de cooperação entre os vizinhos era

maior. Assim, segundo o autor, reforça-se a hipótese de que há um processo crescente de erosão dos laços sociais, que se agrava pela situação econômica das cidades, que nada ou pouco faz para restaurar algum senso de solidariedade.

A tabela 7, abaixo, traz dados muito significativos sobre a questão da confiança interpessoal.

Tabela 7 – Em termos gerais o/a sr/a diria que (%)

	Porto Alegre	Montevideú	Santiago do Chile
Se pode confiar nas pessoas	32,9	50	23,2
Não se pode confiar nas pessoas	67,1	50	74,8
n	508	500	500

Fonte: Baquero (2007)

Para o autor, a pergunta sobre confiança interpessoal (tabela 7) é importantíssima, pois essa questão é considerada uma das mais significativas no processo de constituição de capital social, porque uma vez cultivada ao longo do tempo, a teoria diz que se poderia catalisar uma base pedagógica de socialização política, por sobre a qual valores de solidariedade, de cooperação e de confiança podem se afirmar e produzir bens coletivos tangíveis, resultantes da ação coletiva. Nesse sentido, complementa Baquero:

“A maior parte da literatura sobre CS argumenta que o nível de confiança inerente numa sociedade é fundamental para que se compreendam alguns dos obstáculos de solidificação democrática. Foi visto que o nível

de confiança institucional nas cidades investigadas é baixo. No que se refere à confiança interpessoal os dados da tabela 7 sinalizam que a situação é um pouco melhor, se comparada com a dimensão institucional, mas nada alentador. No caso de Santiago nada menos que 75% dos entrevistados responderam não poder confiar nos outros, comparados com 67,1% em Porto Alegre e 50% em Montevideú. Com base nessas percentagens pode-se concluir que a possibilidade de fomentar CS a partir do nível de confiança entre as pessoas também não encontra campo fértil” (Baquero, 2007, p. 120).

Na visão do autor, se a confiança institucional e interpessoal são essenciais tanto na legitimação quanto na credibilidade de um sistema político, os dados acima nos dariam pouca margem para termos expectativas positivas no futuro da democracia em nossos países, mas isso não significa que devemos descartar CS como ferramenta para construir a democracia, além dos mecanismos convencionais. De acordo com Baquero, a tarefa essencial nesse processo é a criação de dispositivos de construção de capital social, para uma futura avaliação de resultados, com a realização de análises estatísticas complexas.

## **6. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

### **6.1. O Porquê da Escolha do Sindicato**

A comparação das desigualdades norte-sul da Itália com as desigualdades entre o primeiro mundo e o terceiro tem sido realizadas a partir de diversos trabalhos, à luz da Teoria do Capital Social. Os problemas de desagregação social e de insucesso democrático da América Latina têm instigado alguns pesquisadores a compreender os porquês das desventuras democráticas neste continente, assim como seu baixo desenvolvimento social.

Assim, na busca da compreensão da realidade latino-americana e brasileira, penso ser importante saber mais sobre o capital social e o seu

desenvolvimento em um grupo de pessoas que desempenham um determinado tipo de atividade sócio-política. Na busca desse conhecimento, os sindicalistas do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região foram o nosso alvo.

Trata-se de um sindicato com uma rica e destacada trajetória entre os movimentos sociais do Brasil. Em seus 76 anos de história, é importante citar a luta do sindicato durante o regime militar, que culminou com as mobilizações de 1979, quando a greve dos bancários gaúchos desafiou o regime, contribuindo para a construção de um movimento sindical mais combativo no país. Embora a categoria bancária (que o sindicato representa) não seja tão numerosa como no passado, consideramos que o sindicato em questão ainda é um dos mais atuantes (e por isso, um dos mais importantes) organismos de representação de categorias sociais do Estado do Rio Grande do Sul.

Assim, essas pessoas foram analisadas porque demonstram ter grande interesse por política, pelo menos é isso que percebemos pela destacada atuação sindical que têm, mesmo fora das campanhas salariais, ao buscarem influenciar decisões políticas que possam favorecer a categoria bancária, através do diálogo com diversas instituições, como Câmara Municipal de Vereadores, Assembléia Legislativa, Câmara Federal, secretarias estaduais, ministérios do governo federal, entre outros.

## **6.2. Método Utilizado**

Tendo em vista a base teórica que utilizamos, entendemos que o método quantitativo era o método mais adequado para dar as respostas à investigação pretendida por nós. Assim, para a coleta de dados, foram aplicados questionários padronizados, com respostas pré-codificadas (com entrevistas face a face ou por e-mail), a todos os cinquenta e três dirigentes do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região. A esses somamos mais três dirigentes sindicais - pertencentes a outras duas esferas sindicais de bancários – que estão cedidos ao Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região. Como essas três pessoas desempenham, no interior do sindicato, as mesmas

funções dos outros 53 e têm sua origem na região de Porto Alegre, decidimos incluí-los.

As duas outras entidades sindicais mencionadas são a Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Rio Grande do Sul (FEEB/RS), que cedeu dois dirigentes, e a Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro da CUT (Contraf - CUT), que cedeu um dirigente sindical. Portanto, a população com a qual trabalhamos foi de 56 pessoas.

A informação sobre o número de cinquenta e três dirigentes foi colhida através do site do sindicato na internet, e a informação sobre os outros três veio até nós já quando da efetiva aplicação dos questionários, por meio de dirigentes que nos apontaram essas pessoas. Dessa forma, encaminhamos questionários também a esses três dirigentes.

Em nosso projeto de pesquisa, o tempo previsto para aplicação dos questionários foi de quinze dias. Todavia, conseguimos realizar essa tarefa em dez dias.

Para poder aplicar os questionários à população, primeiramente realizamos contato telefônico com um dos dirigentes do sindicato, para o qual indagamos sobre a possibilidade de fazer tal pesquisa, descrevendo-a e também enviando a ele cópia do projeto de pesquisa, via e-mail. Após tal dirigente analisar o projeto, submeteu nossa demanda, juntamente com cópia de nosso projeto, à apreciação de outros dirigentes (Diretoria Executiva), que autorizaram nossa pesquisa. Assim, o próprio sindicato encaminhou os questionários a seus dirigentes, via e-mail. O sindicato nos deu grande apoio, inclusive com a disponibilização de números de telefones de alguns dirigentes, quando tivemos essa necessidade.

Solicitamos e o sindicato nos deu acesso a suas dependências, para que pudéssemos abordar os dirigentes pessoalmente e já com o questionário impresso em mãos. Também nos foi facilitado pelo sindicato o acesso aos dirigentes não liberados que, ao contrário dos liberados, não obtiveram autorização do banco onde trabalham para exercerem funções dentro do sindicato e, assim, permanecem trabalhando normalmente mesmo sendo dirigentes sindicais eleitos. Nestes casos, então, o sindicato nos forneceu os números de telefone desses dirigentes para que pudéssemos agendar



entrevista no local de trabalho, e assim procedemos com todos aqueles não liberados que se dispuseram a realizar entrevista.

Conforme os dirigentes preenchem os questionários, ou via e-mail ou na entrevista face a face, era registrada baixa de seus nomes de uma lista - obtida no site do sindicato - que continha a totalidade dos nomes dos dirigentes sindicais.

Desse modo, somando-se as abordagens bem sucedidas aos dirigentes sindicais nos corredores da sede dos bancários, nos locais de trabalho, mais os retornos via e-mail, totalizamos trinta e seis questionários respondidos.

A sede do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região (Casa dos Bancários), a qual nos referimos, fica localizada a Rua General Câmara nº 424, no Centro do Município de Porto Alegre.

O questionário que aplicamos era composto de trinta questões que puderam avaliar, de acordo com suas possibilidades de resposta, as preferências dos entrevistados em relação ao tema abordado, visando a posterior quantificação dos dados e a análise de suas relações.

Após as entrevistas, utilizei o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) para tabular e analisar os dados - visto que a geração de tabelas e os recursos avançados do programa tornam clara a visualização dos dados coletados - e realizar os cruzamentos necessários para averiguar a correção ou não de nossas hipóteses de pesquisa.

Primeiramente, com o SPSS, inserimos os dados das questões (o número e a enunciação) e das respostas (opções e escolhas) do questionário nesse programa - também descrevemos o local e a data. A seguir, fizemos uma análise fatorial dos dados da pesquisa, cujo resultado foi a decomposição da confiança social e do interesse por política, nossas duas variáveis, em várias dimensões ou fatores, para a análise subsequente. Abaixo, os quadros de nossa análise fatorial.

Quadro 1 – Análise Fatorial: Confiança Social

	Component			
	1	2	3	4
9d. Associações comunitárias	-,061	,799	-,132	,190
9g. Conselhos Populares	2,152E-02	,890	9,647E-02	,108
12. Você acredita que, se as pessoas participassem mais das atividades associativas, poderiam mudar muita coisa no Brasil?	,164	,212	-,331	,631
18l. Vizinhos	,716	,134	-,221	-,263
18m. Associações Comunitárias	,425	,497	,111	-,216
25. Se precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos?	,743	-,465	,195	,244
26. Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas pode beneficiar outras pessoas do seu bairro, você contribuiria para esse projeto?	,376	8,730E-03	,700	-,185
27a. Em relação ao seu bairro/comunidade: A maioria das pessoas geralmente está disposta a ajudar você caso necessite	,857	6,396E-02	-,092	5,379E-02
27b. Pode-se confiar na maioria das pessoas que moram neste bairro/comunidade	,799	2,190E-02	,148	-,080
27c. É preciso estar atento, ou alguém pode tirar vantagem de você	-,234	4,132E-02	,240	,824
27d. As pessoas em geral não confiam nas outras para emprestar dinheiro	-,213	1,766E-02	,860	,159

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization. a. Rotation converged in 5 iterations.

Quadro 2 – Análise Fatorial: Interesse pela Política Institucional

	Component		
	1	2	3
3. Falando em política, você se interessa por política?	,142	-,026	,761
4. Algumas pessoas afirmam que atualmente não há motivação para participar de atividades políticas. Você:	,528	-,021	,400
8. Você se identifica com algum partido político?	9,404E-02	-,873	-,093
13. Ainda sobre política, você:	,442	,498	-,374
19. E se no Brasil o voto não fosse obrigatório para maiores de 18 anos, você:	-,700	1,263E-02	,194
21. Você concorda com a seguinte afirmação: "Num mundo complicado como o de hoje, é absurdo falar em maior participação do cidadão comum nos negócios do governo"?	,708	-,075	,186
22. Você concorda com a seguinte afirmação: "A liberdade de propaganda política não é uma liberdade absoluta, e os cidadãos devem dirigir-se preferencialmente aos órgãos estatais para expressarem as suas opiniões"?	-,132	,130	,649
24. Se um candidato lhe oferecesse dinheiro ou uma cesta básica, em troca do seu voto, o que você faria?	,769	-,022	-,064
28. Se o país vivesse uma grave crise econômica, você apoiaria um regime autoritário que promettesse resolver o problema imediatamente?	-,074	,899	7,844E-02

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization. a Rotation converged in 4 iterations.

### 6.3. Operacionalização das Variáveis

Os quadros abaixo mostram os indicadores que construímos para confiança social e para interesse pela política institucional, ao lado das questões correspondentes de nosso questionário.

Quadro 3 – Indicadores de Confiança Social

Questão	Indicador
9d	Participação em associações comunitárias
9g	Participação em conselhos populares
12	Crença na importância do associativismo
18l	Confiança nos vizinhos
18m	Confiança em associações comunitárias
25	Confiança nos vizinhos p/ cuidar da casa e/ou filhos
26	Solidariedade com as pessoas do bairro
27a	Expectativa de poder receber ajuda de pessoas do bairro/comunidade
27b	Confiança nas pessoas do bairro comunidade
27c	Expectativa de ser prejudicado por alguém do bairro/comunidade
27d	Confiança nas pessoas do bairro para emprestar dinheiro

Fonte: Pesquisa própria.

Quadro 4 – Indicadores de Interesse pela Política Institucional do País

Questão	Indicador
3	Interesse pela política do país
4	Motivação para participar de atividade política
8	Identificação partidária
13	Interesse pela informação sobre política
19	Interesse em votar em eleições
21	Interesse pela participação cidadã
22	Aprovação da liberdade de propaganda política
24	Interesse em trocar o voto por uma recompensa
28	Apoio a um regime autoritário no país

Fonte: Pesquisa própria.

Construímos o quadro a seguir, onde temos a descrição de nossas variáveis, de suas dimensões e de seus indicadores - conforme a análise fatorial realizada com o programa SPSS.

Quanto à variável confiança social, a análise fatorial resultou em quatro dimensões: confiança vizinhal, confiança comunitária, confiança interpessoal financeira e confiança societária.

Quanto à variável Interesse pela Política Institucional do país, a análise fatorial do SPSS nos deu três dimensões com as quais trabalharemos: clientelismo, predisposições autoritárias e interesse por política.

Quadro 5 – Operacionalização das variáveis

Conceitos	Dimensões	Indicadores
<p><b>Confiança Social</b></p> <p>Confiança e expectativa de reciprocidade entre indivíduos em relação à ajuda mútua e à cooperação, em assuntos de sua comunidade.</p>	Confiança vizinhal	<p>Confiança nos vizinhos</p> <p>Confiança nos vizinhos p/ cuidar da casa e/ou filhos</p> <p>Expectativa de poder receber ajuda de pessoas do bairro/comunidade</p> <p>Confiança nas pessoas do bairro comunidade</p>
	Confiança comunitária	<p>Participação em associações comunitárias</p> <p>Participação em conselhos populares</p> <p>Confiança em associações comunitárias</p>
	Confiança interpessoal financeira	<p>Solidariedade com as pessoas do bairro</p> <p>Confiança nas pessoas do bairro para emprestar dinheiro</p>
	Confiança societária	<p>Crença na importância do associativismo</p> <p>Expectativa de ser prejudicado por alguém do bairro/comunidade</p>
<p><b>Interesse pela Política Institucional do País</b></p> <p>Interesse pela democracia do país. Interesse em participar de eleições com liberdade, respeito à Constituição e apreço às instituições democráticas.</p>	Clientelismo	<p>Motivação para participar de atividade política</p> <p>Interesse em votar em eleições</p> <p>Interesse pela participação cidadã</p> <p>Interesse em trocar o voto por uma recompensa</p>
	Predisposições autoritárias	<p>Interesse pela informação sobre política</p> <p>Identificação partidária</p> <p>Apoio a um regime autoritário no país</p>
	Interesse por política	<p>Interesse pela política do país</p> <p>Aprovação da liberdade de propaganda política</p>

Desse modo, construímos os nossos indicadores de modo a nos permitirem a confirmação ou a rejeição de nossas hipóteses de pesquisa, através de análise comparativa de tabelas de freqüência e dos cruzamentos que realizamos em nosso trabalho. Nossos indicadores medem a confiança social e o interesse pela política institucional, de acordo com a Teoria do Capital Social, de Putnam e Baquero, nos permitindo verificar a existência de relação entre essas duas variáveis de nossa pesquisa. É preciso fazer a observação de que os indicadores “interesse em trocar o voto por uma recompensa” e “apoio a um regime autoritário no país” são os únicos indicadores negativos. Isto quer dizer que quanto menores forem esses dois indicadores, maior será o interesse pela política institucional do país.

#### **6.4. Estudo Exploratório**

Visando uma aproximação à “realidade” do sindicato dos bancários, executamos uma pesquisa exploratória através, primeiramente, de consulta ao site do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região, onde encontramos dados relativos à história do sindicato, ao número de componentes, à estrutura administrativa, às ações políticas do sindicato, etc.

Em seguida, foram realizadas consultas a pessoas ligadas ao sindicato, o que nos permitiu saber de detalhes como, por exemplo, os melhores horários para realização de entrevistas (quando era possível encontrar um maior número de dirigentes pelos corredores da sede do sindicato), ou saber que uma parcela (onze) dos dirigentes sindicais são classificados como não liberados, permanecendo em seu local de trabalho.

As informações obtidas proporcionaram maior clareza a respeito do assunto em estudo, permitindo identificar alguns obstáculos que iríamos encontrar durante a pesquisa e também nos fazendo pensar nas soluções para superá-los.

## 7. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados da pesquisa. Mostraremos tabelas de frequência que construímos a partir da pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida: estudo comparado entre cidades do Brasil, Uruguai e Chile” (2006) e de nossa pesquisa. Apresentaremos também os nossos cruzamentos, tendo por objetivo a comparação estatística das variáveis.

### 7.1. A Confiança Social dos Bancários

Para verificarmos o grau de confiança social dos bancários sindicalistas, veremos algumas tabelas de frequência, o que nos permitirá também confrontar o nível de confiança desses bancários com o da população de Porto Alegre. Analisaremos, para cada dimensão da confiança social, um de seus indicadores, os quais serão comparados com a pesquisa realizada em 2006.

No que diz respeito à dimensão confiança vizinhal, vamos verificá-la com base na tabela a seguir:

Tabela 8 – Se precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos? (%)

	Bancários	Porto Alegre
Sim	31,4	39
Provavelmente	31,4	22,2
Não	37,2	37,8
NS	-	1
Total	100	100

Fontes: Pesquisa própria e pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida” (2006).



Somando-se os percentuais de “sim” e de “provavelmente”, da coluna “Bancários”, temos 62,4%. Este percentual, em comparação com os 61,2% da coluna “Porto Alegre”, indica que os bancários possuem nível de confiança vizinhal semelhante ao da população de Porto Alegre.

Quanto à dimensão confiança comunitária, construímos a tabela a seguir, onde constam dados da pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida: estudo comparado entre cidades do Brasil, Uruguai e Chile” (2006) – coluna “Porto Alegre” -, juntamente com dados de nossa pesquisa - coluna “Bancários”.

Tabela 9 – Você costuma participar de associações comunitárias? (%)

	Bancários	Porto Alegre
Sim	30,6	6,7
Não	36,1	78,5
Já participou	33,3	14,8
Total	100	100

Fontes: Pesquisa própria e pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida” (2006).

Claramente, a confiança comunitária dos bancários é mais elevada do que a da população de Porto Alegre, como demonstram os percentuais do indicador “participação em associações comunitárias” descritos na Tabela 9. Somando-se os percentuais de “Sim” e de “Já participou”, os sindicalistas alcançam 63,9%, enquanto a população de Porto Alegre fica com 21,4%, um percentual quase três vezes menor do que o dos bancários.

A seguir, na tabela abaixo, dados de nossa pesquisa para confiança interpessoal financeira. A tabela foi construída com base na pesquisa de 2006, já citada, e em nossa pesquisa.

Tabela 10 – Em relação ao seu bairro/comunidade, as pessoas em geral não confiam nas outras para emprestar dinheiro. (%)

	Bancários	Porto Alegre
Sim	52,9	56,7
Às vezes	35,3	19,4
Nunca	11,8	18,6
NS	-	4,9
NR	-	0,4
Total	100	100

Fontes: Pesquisa própria e pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida” (2006).

Vemos, na Tabela 10, que o indicador “confiança nas pessoas do bairro para emprestar dinheiro” nos mostra que os bancários não confiam, em sua maioria, em pessoas de seu bairro ou comunidade para emprestar dinheiro. Se somarmos as respostas “Sim” e “Às vezes”, que indicam desconfiança, temos 88,2% de pessoas que não confiam, enquanto que em Porto Alegre essa soma fica em 76,1%. Mesmo que o percentual de desconfiança dos bancários seja um pouco mais elevado, entendemos que, no conjunto dos dados os números se equivalem, e que a confiança interpessoal financeira está em um nível muito baixo, tanto no caso dos bancários, como no caso dos porto-alegrenses.

A outra dimensão da confiança social que vamos descrever é a confiança societária. A seguir, a tabela representando o indicador “expectativa de ser prejudicado por alguém do bairro/comunidade”.

Tabela 11 – Em relação ao seu bairro/comunidade é preciso estar atento, ou alguém pode tirar vantagem de você. (%)

	Bancários	Porto Alegre
Sim	41,2	56,9
Às vezes	52,9	30,2
Nunca	5,9	10,7
NS	-	2,2
Total	100	100

Fontes: Pesquisa própria e pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida” (2006).

A Tabela 11 nos mostra que a confiança societária é muito baixa, para os sindicalistas e também para os porto-alegrenses. Somando-se os percentuais das respostas “Sim” e “Às vezes” vemos que, no caso dos bancários chegamos a 94,1% de desconfiança para com as demais pessoas do bairro comunidade, enquanto no caso da população de Porto Alegre esse percentual fica em 87,1%. Apenas 5,9% dos sindicalistas mostraram ter absoluta confiança nas pessoas do bairro/comunidade, um índice que podemos considerar como inexpressivo.

Ao contrário do que imaginávamos no começo desta pesquisa, e até durante a elaboração do projeto de pesquisa, constatamos que a confiança social dos bancários sindicalistas de Porto Alegre não mostra índices superiores ao da população do município de Porto Alegre. Das quatro dimensões de confiança social aqui analisadas, apenas a confiança comunitária apresenta índices superiores para os bancários. Na outras três dimensões, os dados revelam níveis semelhantes de confiança social, em alguns aspectos ligeiramente desfavoráveis aos bancários.

Atendendo a um dos objetivos do trabalho, que é verificar o nível de confiança social dos bancários sindicalistas, afirmamos que o nível é muito baixo, contrariando nossas expectativas iniciais de que ele seria superior ao nível de confiança social do conjunto da população do município de Porto Alegre.

## 7.2. O Interesse pela Política Institucional dos Bancários

A fim de averiguarmos o nível de interesse pela política institucional dos sindicalistas bancários de Porto Alegre, analisaremos tabelas de frequência que vão nos permitir fazer uma comparação entre as dimensões de interesse pela política desse grupo e da população porto-alegrense. Essas dimensões são: clientelismo, predisposições autoritárias e interesse por política. Analisaremos seus indicadores sempre em comparação com a pesquisa realizada em 2006.

A dimensão clientelismo será averiguada com base na tabela abaixo. Utilizaremos aqui o indicador “interesse em votar em eleições”.

Tabela 12 – E se no Brasil o voto não fosse obrigatório para maiores de 18 anos, você: (%)

	Bancários	Porto Alegre
Votaria	97,2	69,2
Não votaria	2,8	28,8
NS	-	2
Total	100	100

Fontes: Pesquisa própria e pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida” (2006).

Na Tabela 12, em relação ao indicador “interesse em votar em eleições”, vemos que o interesse por política dos bancários supera significativamente o dos porto-alegrenses, em mais de trinta pontos percentuais. Portanto, é maior o interesse por política dos sindicalistas quanto à dimensão clientelismo.

A próxima tabela que veremos mostra a dimensão predisposições autoritárias de interesse por política institucional.

Tabela 13 – Você se identifica com algum partido político? (%)

	Bancários	Porto Alegre
Sim	97,2	33,5
Não	2,8	66,1
NS	-	0,4
Total	100	100

Fontes: Pesquisa própria e pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida” (2006).

Os dados da Tabela 13 mostram que, em relação ao indicador “identificação partidária”, o interesse por política institucional é bem mais expressivo entre os bancários, que apresentam um percentual de respostas “Sim” de 97,2% (ou seja, apenas um dos bancários respondeu não ter identificação com algum partido político).

A última das dimensões de interesse por política institucional que vamos descrever é a “interesse por política”, representada aqui pelo indicador “interesse pela política do país”, na tabela abaixo.

Tabela 14 – Falando em política, você se interessa por política? (%)

	Bancários	Porto Alegre
Sim	94,4	31,6
Mais ou menos	2,8	37,6
Não	-	30,8
NS	-	-
NR	2,8	-
Total	100	100

Fontes: Pesquisa própria e pesquisa “Capital Social e desenvolvimento sustentável na construção da cidadania e melhoria da qualidade de vida” (2006).

A Tabela 14 nos mostra que, em relação ao indicador “interesse pela política do país”, o interesse pela política institucional é bem mais elevado entre os bancários do que entre a população de Porto Alegre, pois somando-se as respostas “Sim” e Mais ou menos” temos 97,2% de interesse por política por parte dos bancários e apenas 69,4% da população de Porto Alegre. Também é importante ressaltar a não ocorrência da resposta “Não” entre os sindicalistas, em comparação com 30,8% de “Não” da população de Porto Alegre.

Conforme nossas expectativas iniciais, constatamos que os bancários sindicalistas de Porto Alegre têm um nível de interesse pela política institucional do país mais elevado do que o da população de Porto Alegre. As três dimensões de interesse por política revelaram índices bem mais superiores em relação aos índices dos porto-alegrenses.

Observando os baixos índices de confiança que encontramos entre os bancários em nossas análises de frequência, entendemos que é possível afirmar que a confiança social não é a responsável pelos altos índices de interesse pela política institucional dos bancários, constatados por este estudo. Ou seja, no caso do grupo em estudo não foi a confiança social que levou ao alto nível de interesse pela política institucional que o mesmo apresenta.

### **7.3. Cruzamento entre Variáveis**

As tabelas de frequência mostraram que, entre os bancários, os índices de confiança social são baixos e os de interesse por política são altos. Com o cruzamento, porém, queremos outra informação: saber se a parcela de bancários com altos índices de confiança social apresenta maiores índices de interesse pela política institucional do país, em comparação com a parcela que tem baixos índices de confiança social. Veremos isso nas tabelas de cruzamento, a seguir.

Tabela 15 – Participação em associações comunitárias x Interesse em votar em eleições

		E se no Brasil o voto não fosse obrigatório para maiores de 18 anos, você:		Total
		Sim	Não	
Você costuma participar de associações comunitárias?	Sim	11 100%	0 0	11 100%
	Não	12 92,3%	1 7,7%	13 100%
	Já participou	12 100%	0 0	12 100%
Total		35 97,2%	1 2,8%	36 100%

Fonte: Pesquisa própria.

Tabela 16 – Confiança nos vizinhos p/ cuidar da casa e/ou filhos x Identificação partidária

		Você se identifica com algum partido político?		Total
		Sim	Não	
Se precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos?	Sim	10 90,9%	1 9,1	11 100%
	Provavelmente	11 100%	0 0	11 100%
	Não	13 100%	0 0	13 100%
Total		34 97,1%	1 2,9%	35 100%

Fonte: Pesquisa própria.

Tabela 17 – Expectativa de ser prejudicado por alguém do bairro/comunidade x Interesse pela política do país

		Falando em política, você se interessa por política?		Total
		Sim	Mais ou menos	
Em relação ao seu bairro/comunidade, é preciso estar atento, ou alguém pode tirar vantagem de você.	Sim	14	0	14
		100%	0	100%
	Às vezes	16	1	17
		94,1%	5,9%	100%
	Nunca	2	0	2
		100%	0	100%
Total		32	1	33
		97%	3%	100%

Fonte: Pesquisa própria.

Tabela 18 – Confiança nas pessoas do bairro para emprestar dinheiro x Motivação para participar de atividade política

		Algumas pessoas afirmam que atualmente não há motivação para participar de atividades políticas. Você:		Total
		Concorda	Discorda	
Em relação ao seu bairro/comunidade, as pessoas em geral não confiam nas outras para emprestar dinheiro.	Sim	4	14	18
		22,2%	77,8%	100%
	Às vezes	5	7	12
		41,7%	58,3%	100%
	Nunca	1	2	3
		33,3%	66,7%	100%
Total		10	23	33
		30,3%	69,7%	100%

Fonte: Pesquisa própria.



Podemos verificar que, para cada uma das Tabelas (15, 16, 17 e 18), temos a mesma constatação, a de que não há relação entre confiança social e interesse pela política institucional no caso bancários sindicalistas de Porto Alegre. Ou seja, percebemos que tanto os bancários que possuem altos índices de confiança quanto os que possuem baixos índices, têm altos índices de interesse pela política institucional, o que contraria as nossas expectativas teóricas, que nos fazem pensar que maior confiança leva a maior interesse por política.

Vemos na Tabela 16, por exemplo, que os dados mostram que as pessoas que responderam “Sim”, “Provavelmente” e “Não” para a pergunta sobre “Confiança nos vizinhos p/ cuidar da casa e/ou filhos” deram respostas muito semelhantes para a pergunta sobre “Identificação partidária”. Nos demais cruzamentos, também verificamos a inexistência de relação entre as variáveis em questão.

#### **7.4. Influência dos pais**

Com a intenção de verificar uma de nossas hipóteses específicas, incluímos no questionário uma questão (29) relativa à participação dos pais dos sindicalistas em diversos tipos de associações. Na verdade “repetimos” a questão número 9, que indagava sobre a participação dos bancários em associações de tipo variado, apenas dirigindo-a a seus pais. Após, realizamos um cruzamento entre as questões 9 e 29, como vemos abaixo.

Tabela 19 – Cruzamento entre a participação dos pais e a participação dos filhos sindicalistas em partidos políticos

		Você costuma participar de partidos políticos			Total
		Sim	Não	Já participou	
Na época em que você era menor de idade, seus pais (ou só o pai ou só a mãe) costumavam participar de partidos políticos.	Sim	5 83,3%	1 16,7%	0 0	6 100%
	Às vezes	9 100%	0 0	0 0	9 100%
	Não	16 76,2%	3 14,3%	2 9,5%	21 100%
Total		30 83,3%	4 11,1%	2 5,6%	36 100%

Fonte: Pesquisa própria.

Analisando os dados da tabela 19, constatamos que não há relação entre a participação dos pais em partidos políticos e a participação dos filhos sindicalistas em partidos políticos. Quando a resposta para a participação dos pais em partidos políticos foi “Sim”, 83,3% dos bancários responderam participar de partidos; quando a resposta para a participação dos pais foi “Às vezes”, 100% dos bancários responderam participar de partidos; e quando resposta para a participação dos pais foi “Não”, 85,7% dos bancários responderam que participam ou que já participaram de partidos políticos. Através desses dados, podemos dizer que o alto índice de participação dos bancários em partidos políticos não deriva da participação de seus pais em partidos políticos.

## 8. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa sobre as características políticas do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região, procuramos saber, entre outras coisas, em que medida a confiança social desses sindicalistas influencia o seu interesse pela política institucional brasileira e, em busca de respostas para o nosso problema de pesquisa, construímos hipóteses de acordo com nossa base teórica e de acordo com a interpretação que fizemos dela. Entretanto, elas não se confirmaram como respostas perfeitas – e nem mesmo imperfeitas – para o nosso problema de pesquisa.

Putnam, estudando o caso da Itália moderna em pesquisa com duração de cerca de vinte anos, verificou que nas regiões onde havia altos índices de confiança social, elemento principal do capital social, a implantação dos novos governos regionais a partir do ano de 1970 se deu de maneira muito mais eficiente do que em regiões com baixos índices de confiança social. Assim, Putnam descreve em seu trabalho como a confiança social resulta em maior interesse por participar da política, em maior envolvimento com as novas instituições da Itália. Também nesse sentido, Baquero afirma que boas instituições são construídas a partir do capital social, que necessita de baixos índices de desconfiança para prosperar.

Assim, com base na Teoria do Capital Social, elaboramos nossas hipóteses de pesquisa que, após a análise dos resultados, rejeitamos.

Nossa hipótese geral foi rejeitada porque a confiança social dos bancários não está diretamente relacionada ao interesse deles pela política institucional do país. Os dados das tabelas de frequência nos mostraram que a confiança social dos bancários é tão baixa quanto a confiança social da população de Porto Alegre, e mostraram também que quanto ao interesse por política, neste caso sim, os bancários possuem um grau muito superior ao do conjunto da população porto-alegrense. Os dados das tabelas de cruzamento, por sua vez, revelaram que nem mesmo para uma parcela dos bancários sindicalistas – aquela que apresentou índices mais elevados de confiança social – era válido afirmar que confiança social leva a interesse por política, pois os percentuais dos indicadores de interesse por política não variam

significativamente em função dos indicadores de confiança social. Portanto, os dados não confirmaram, nem mesmo parcialmente, nossa hipótese geral.

Rejeitamos a hipótese específica que diz que os laços comunitários são causa de engajamento em partidos políticos, pois os dados de cruzamento não confirmam tal proposição.

Rejeitamos também a hipótese específica que afirma que quanto maior era a participação dos pais dos sindicalistas em partidos políticos, maior seria a participação de seus filhos sindicalistas em partidos políticos. Realizamos um cruzamento (Tabela 19) que mostrou não haver relação de causa e efeito entre participação dos pais e participação dos filhos em partidos políticos e, assim, essa proposição essa que seria pertinente do ponto de vista da cultura política, definitivamente, para este caso, não foi confirmada.

Desse modo, afirmamos que todas as hipóteses de nosso trabalho foram rejeitadas e que, ao contrário do que pensávamos, a confiança social dos membros do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região não influencia positivamente o interesse pela política institucional do país, e a principal explicação disto é que a confiança é muito baixa e o interesse por política muito alto.

Nesse sentido, é preciso deixar claro que se o interesse pela política dos bancários não se explica pela confiança social dessas pessoas, se explica por uma causa que não temos como conhecer através deste trabalho e sobre a qual podemos apenas especular, neste momento.

De forma alguma queremos dizer que, por causa da rejeição das hipóteses, a Teoria do Capital Social não é correta, ou dizer que ela não se aplica à nossa realidade. O que afirmamos é que, especificamente, esse grupo de pessoas analisado não busca a participação política, a militância política, a inserção na política institucional do país, devido à confiança social, aos laços comunitários. Afirmamos que não é possível extrapolar nossas conclusões – dizer, por exemplo, que confiança social não leva a interesse por política – para outros grupos, nem mesmo para outros sindicatos, sem antes realizarmos outras pesquisas semelhantes a esta.

Como resposta ao porquê do nível elevado de interesse por política por parte dos bancários, podemos cogitar que, se os partidos políticos brasileiros têm grande influência sobre sindicatos de diversas, como pensamos que têm,

esse pode ser o caso do sindicato aqui analisado. Se for assim, o sindicato dos bancários estaria sendo influenciado por um ou mais partidos políticos que, dessa forma, seriam os causadores do alto nível de interesse por política dos membros desse sindicato, mas isso só pode ser confirmado por outra pesquisa.

## 9. REFERÊNCIAS

**SANTOS, E. & BAQUERO, M.** 2007. Democracia e Capital Social na América Latina: uma análise comparativa. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 28. p. 221-234.

**BAQUERO, M.** 2003. Construindo uma outra sociedade: o Capital Social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 21. p. 83-108.

**BAQUERO, M.** 2007. Democracia e desigualdades na América Latina: Novas perspectivas. Editora da UFRGS.

**BAQUERO, M.** 2008. Quando a instabilidade se torna estável: poliarquia, desigualdade social e cultura política na América Latina. *Rev. Debates UFRGS*. p. 48-67.

**BAQUERO, M.** 2007. A fragmentação social na América Latina: formas alternativas para sair da crise. In: *Capital Social, Desenvolvimento Sustentável e democracia na América*. Editora da UFRGS.

**BORBA, J.** 2008. As bases sociais e atitudinais da alienação eleitoral no Brasil. *Rev. Debates UFRGS*. p. 134-157.

**PINTO, C. & GUAZELLI, C.** 2008. Ciências humanas: Pesquisa e método. Editora da UFRGS.

**PUTNAM, R.** 2007. Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

**RANINCHESKI, S.** 2007. Capital social e cultura política em tempos de crise econômica: os casos de Brasil e Uruguai. In: *Capital Social, Desenvolvimento Sustentável e democracia na América*. Editora da UFRGS.

**SILVA**, Rodinei T. 2008. A classe política segundo a classe trabalhadora: seus encontros e desencontros democráticos. Rev. Debates UFRGS. p. 190-212.

**SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE PORTO ALEGRE E REGIÃO**. Disponível em: <[http://sindbancarios.locaweb.com.br/site2007/cms/php/site\\_monta\\_interna\\_s.php?id=4&area=quem\\_somos&tabela=site\\_sindicatos](http://sindbancarios.locaweb.com.br/site2007/cms/php/site_monta_interna_s.php?id=4&area=quem_somos&tabela=site_sindicatos)>. Acesso em 30 de setembro de 2009.

**TONELLA**, C. 2008. Participação social, cultura política e indicadores de associativismo: os dirigentes de entidades sociais. Rev. Debates UFRGS. p. 158-189.

## 10. QUESTIONÁRIO

### 1. Sexo:

1. ( ) Masculino
2. ( ) feminino

### 2. Idade: \_\_\_\_\_

### 3. Falando em política, você se interessa por política?

1. ( ) Sim
2. ( ) Não
3. ( ) Mais ou menos

### 4. Algumas pessoas afirmam que atualmente não há motivação para participar de atividades políticas. Você:

1. ( ) Concorda
  2. ( ) Discorda
- Por quê? \_\_\_\_\_

### 5. O que mais influenciou você na decisão de fazer o seu título eleitoral? (marque apenas uma opção)

1. ( ) Campanha veiculada na mídia
2. ( ) Sua família
3. ( ) Partido político em que confia
4. ( ) Política/o em que confia
5. ( ) Igreja a que pertence
6. ( ) Sua escola
7. ( ) A obrigatoriedade do voto
8. ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

### 6. Alguns dos fatores abaixo podem influenciar na decisão do seu voto. Qual a importância que você dá para: (RESPONDER COM NÚMEROS)

1. Muita      2. Pouca      3. Nenhuma

a	Qualidade do programa eleitoral na Tv	
b	Tempo de duração do programa na Tv	
c	Propostas do candidato	
d	Chance de vitória da/o candidata/o	
e	Desempenho nos debates	
f	Confiança na/o candidata/o	
g	Confiança no partido	
h	Identificação religiosa	
i	Identificação com time de futebol	
j	Doação de alimentos ou materiais	
k	Opinião apresentada pela mídia	

### 7. Em relação ao voto, você:

1. ( ) Considera importante votar em eleições para mudar as coisas
2. ( ) Vota nas eleições porque é obrigatório
3. ( ) Em geral não vota em eleições

### 8. Você se identifica com algum partido político?

1. ( ) Sim
2. ( ) Não

**9. Você costuma participar de...**

**(RESPONDER COM NÚMEROS)**

1. Sim      2. Não      3. Já participou

a	Partidos Políticos	
b	Reuniões políticas	
c	Comícios	
d	Associações comunitárias	
e	Associações Religiosas	
f	Associações Sindicais	
g	Conselhos Populares	
h	Organizações Não-Governamentais - ONGs	
i	Orçamento Participativo – OP	
j	Abaixo-assinados	
k	Manifestações ou protestos	
l	Greves	
m	Ocupação de terrenos ou prédios públicos	
n	Outros. Quais?	

**10. Se Sim, qual é o maior benefício de se fazer parte de um grupo?**

1. ( ) Melhorar renda atual do meu domicílio ou o acesso a serviços
2. ( ) É importante em situações de emergência/no futuro
3. ( ) Beneficia a comunidade
4. ( ) Prazer/Diversão
5. ( ) Espiritual, posição social, auto-estima
6. ( ) Outros (especifique) \_\_\_\_\_

**11. Se Não, quais os principais motivos para a sua não participação?**

**(RESPONDER COM NÚMEROS)**

1. Sim      2. Não

a	Falta de tempo	
b	Falta de interesse	
c	Falta de credibilidade	
d	Não traz benefícios	
e	Impossibilidade / Motivos pessoais	
f	Outro motivo, qual?	

**12. Você acredita que, se as pessoas participassem mais das atividades associativas, poderiam mudar muita coisa no Brasil?**

1. ( ) Sim
2. ( ) Não
3. ( ) Depende. De quê? \_\_\_\_\_

**13. Ainda sobre política, você:**

1. ( ) Às vezes procura se informar à respeito
2. ( ) Não costuma se informar
3. ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**14. Você concorda com a seguinte afirmação: “Os políticos prometem as coisas e depois não cumprem”?**

1. ( ) Concorda
2. ( ) Concorda em parte
3. ( ) Discorda



**15. Como você costuma se manter informada/o sobre o que está acontecendo no Brasil?**

1. ( ) Jornal
2. ( ) Rádio
3. ( ) TV
4. ( ) Revistas
5. ( ) Internet
6. ( ) Trabalho
7. ( ) Todos os citados

**16. Marque uma alternativa que, em sua opinião, é o principal problema enfrentado pelo país hoje.**

1. ( ) A crise econômica
2. ( ) O desemprego
3. ( ) A corrupção
4. ( ) As incertezas com relação ao futuro
5. ( ) O capitalismo
6. ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**17. Quanto ao seu futuro, você o vê com:**

1. ( ) Otimismo
2. ( ) Incerteza
3. ( ) Pessimismo

**18. Em relação às instituições relacionadas abaixo, gostaria de saber se você confia muito, pouco ou não confia no(a):**

**(RESPONDER COM NÚMEROS)**

1. Confia muito    2. Confia pouco    3. Não confia

a	Congresso Nacional (dep.Fed./senadores)	
b	Governo Federal (presidente/ ministros)	
c	Assembléia Legislativa (dep. estaduais)	
d	Governo Estadual (governador/secretários)	
e	Câmara Municipal (vereadores)	
f	Governo Municipal (prefeito/secretários)	
g	Judiciário (juizes/tribunais)	
h	Partidos Políticos	
i	Polícia	
j	Igreja	
k	Família	
l	Vizinhos	
m	Associações Comunitárias	
n	Sindicatos	
o	Meios de Comunicação	

**19. E se no Brasil o voto não fosse obrigatório para maiores de 18 anos, você:**

1. ( ) Votaria
2. ( ) Não votaria

**20. Para você, a opinião da maioria das pessoas é levada em conta no país?**

1. ( ) Sim
2. ( ) Não

**21. Você concorda com a seguinte afirmação: “Num mundo complicado como o de hoje, é absurdo falar em maior participação do cidadão comum nos negócios do governo”?**

1. ( ) Concorda
2. ( ) Concorda em parte
3. ( ) Discorda

**22. Você concorda com a seguinte afirmação: “A liberdade de propaganda política não é uma liberdade absoluta, e os cidadãos devem dirigir-se preferencialmente aos órgãos estatais para expressarem as suas opiniões”?**

1. ( ) Concorda
2. ( ) Concorda em parte
3. ( ) Discorda

**23. Quando escolhe em quem vai votar, considera mais importante:**

1. ( ) A pessoa do(a) candidato(a)
2. ( ) O partido político a que ele(a) pertence
3. ( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**24. Se um candidato lhe oferecesse dinheiro ou uma cesta básica, em troca do seu voto, o que você faria?**

1. ( ) Aceitaria e votaria no candidato
2. ( ) Não aceitaria trocar seu voto
3. ( ) Não aceitaria e denunciaria aos órgãos competentes
4. ( ) Outro: \_\_\_\_\_

**25. Se precisasse viajar por um ou dois dias, você poderia contar com vizinhos para cuidar da sua casa e/ou filhos?**

1. ( ) Sim
2. ( ) Provavelmente
3. ( ) Não

**26. Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas pode beneficiar outras pessoas do seu bairro, você contribuiria para esse projeto?**

1. ( ) Sim
2. ( ) Não

**27. Em relação ao seu bairro/comunidade:**

	1. Sim	2. Às Vezes	3. Nunca
a	A maioria das pessoas geralmente está disposta a ajudar você caso necessite		
b	Pode-se confiar na maioria das pessoas que moram neste bairro/comunidade		
c	É preciso estar atento, ou alguém pode tirar vantagem de você		
d	As pessoas em geral não confiam nas outras para emprestar dinheiro		

**28. Se o país vivesse uma grave crise econômica, você apoiaria um regime autoritário que promettesse resolver o problema imediatamente?**

1. ( ) Sim
2. ( ) Não

**29. Na época em que você era menor de idade, seus pais (ou só o pai ou só a mãe) costumavam participar de...**

**(RESPONDER COM NÚMEROS)**

1. Sim    2. Às vezes    3. Não

a	Partidos Políticos	
b	Reuniões políticas	
c	Comícios	
d	Associações comunitárias	
e	Associações Religiosas	
f	Associações Sindicais	
g	Conselhos Populares	
h	Abaixo-assinados	
i	Manifestações ou protestos	
j	Greves	
k	Outros. Quais?	

**30. Se Sim, por que motivo havia essa participação, na sua opinião?**

1. ( ) Para melhorar a renda familiar ou o acesso a serviços
2. ( ) Porque poderia ser importante em situações de emergência/no futuro
3. ( ) Porque poderia beneficiar a comunidade
4. ( ) Por prazer/diversão
5. ( ) Por uma questão espiritual ou posição social ou auto-estima
6. ( ) Por outros motivos (especifique) \_\_\_\_\_